

Por que há sonhos dos quais não nos esquecemos?

Luciana Silviano Brandão Lopes

Quem já não teve a sensação de ter tido muitos sonhos à noite e ao acordar não conseguir se lembrar de nenhum? Quem não constatou falhas e buracos ao descrever um sonho? Freud, em "A interpretação dos sonhos", no capítulo sobre o esquecimento dos sonhos, atribui esses fenômenos à censura psíquica e afirma que "o principal responsável por esse esquecimento é a resistência anímica ao sonho, resistência essa que já fez o que pôde contra ele durante a noite"¹.

Entretanto, naquela época, o psicanalista acreditava que através da sugestão era possível conseguir que o paciente se lembrasse de um sonho esquecido, ou, pelo menos, de suas partes mais importantes, para que esse fosse minuciosamente interpretado. Pontuava que o aspecto esquecido era normalmente o mais importante e usava técnicas, como por exemplo, pedir ao paciente que repetisse o sonho mais de uma vez, para conseguir identificar a passagem censurada, e, normalmente, a parte censurada era aquela "esquecida" por ocasião do segundo relato. De acordo com Freud, o "empenho do sonhador em impedir a solução do sonho fornece-nos uma base para inferir o cuidado com que seu manto foi tecido"².

Mas há outra categoria de sonhos diametralmente oposta àqueles que são esquecidos, são os sonhos dos quais não nos esquecemos. São os sonhos dos quais nos lembramos por uma vida inteira, que foram sonhados na infância, que sofreram a ação da censura e do tempo, mas que continuaram vívidos. Exemplo disto é o sonho relatado por um sujeito quando contava cinco anos. Diz ele, "Sonhei com uma pessoa morta e

que de dentro de sua barriga aberta saíam feijões". Alguns dias antes, o sonhador havia se deparado com um cachorro morto, com o tórax completamente aberto, e, ao olhar para aquela barriga, reparou que só se viam as costelas do animal. Na manhã posterior ao sonho, o sujeito contou o sonho ao pai, e concluiu: agora já sei o que tem dentro da barriga dos seres vivos: feijões!

Esse sonho, lembrado e relatado, parece expressar uma teoria sexual infantil. Minha questão, contudo, é saber por que esse sonho não sofre a censura psíquica. Sabe-se que os sonhos recordados não são lembrados como "de fato foram"; sofrem a ação da resistência de forma que apenas alguns resíduos permaneçam. Mas, e aquele que é recordado?

Recordar é resgatar lembranças e fatos que ficaram esquecidos em algum lugar do passado. Freud, em "Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)"³, faz um estudo sobre o processo de resgate nos acontecimentos psíquicos. Localiza três momentos distintos na evolução da técnica tendo em vista a liberação das lembranças potencialmente patogênicas: hipnose, centrar-se naquilo que não se quer recordar e a associação livre. No segundo momento, já com o processo de hipnose abandonado, preconizava que o essencial era descobrir o que o paciente não queria recordar. A esse "não querer" dava-se o nome de *resistência* e, para que o tratamento tivesse sucesso, a resistência deveria ser contornada através da interpretação e de sua comunicação ao paciente. Pode-se perceber nesses três momentos que o objetivo é o mesmo, a saber, o preenchimento das lacunas da memória ou, em termos dinâmicos, a superação das resistências devidas ao recalque. Em suma, objetiva-se franquear a censura psíquica.

Para o psicanalista, o fato de esquecer impressões, cenas ou experiências, quase sempre significa que o sujeito as interceptou. Nas fantasias, processos de referência,

impulsos emocionais e vinculações de pensamento ocorrem "com frequência ser 'recordado' algo que nunca poderia ter sido 'esquecido', porque nunca foi, em ocasião alguma, notado – nunca foi consciente"⁴. Há ainda certos casos que se caracterizam primordialmente pelo que se denomina *acting out*, ou seja, o paciente não se recorda de nada do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o através da atuação. "Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo"⁵. Esse último caso é peculiar, porque a lembrança recalçada é atualizada através da repetição. A repetição é uma transferência do fato esquecido e, nesses casos, segundo Freud:

Devemos estar preparados para descobrir, portanto, que o paciente submete-se à compulsão à repetição, que agora substitui o impulso a recordar não apenas em sua atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião⁶.

A compulsão à repetição mostra que o acontecimento psíquico não deve ser tratado como um fato do passado, mas como uma força atual. Pode-se dizer, portanto, que, para a psicanálise, o resgate da memória pode ser feito não só através do processo de rememoração de fatos esquecidos, mas através da repetição, pois repetir é lembrar.

Pode-se dizer, portanto, que o rememorado é sempre uma outra coisa, visto que o passado apenas se apresenta no presente sob forma disfarçada, seja através da repetição, da lembrança encobridora, da fantasia, etc. O filósofo alemão Walter Benjamin, em seu escrito "A imagem de Proust"⁷, analisa *A la recherche du temps perdu* e afirma que "o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?"⁸. Cabe observar que

Benjamin não faz, como propõe Lacan, uma distinção entre reminiscência e rememoração.

No caso dos sonhos infantis que não são esquecidos - aqueles que contêm uma história e podem ser de alguma forma interpretados - minha ideia, com base no exposto, e levando em conta a distinção lacaniana entre rememoração e reminiscência, é de que o resíduo que permanece na lembrança do sujeito, seja da ordem da rememoração. Como postula Lacan em *O seminário, livro 23: o sinthoma*: "A reminiscência é distinta da rememoração. [...] A rememoração consiste em fazer essas cadeias entrarem em alguma coisa que já está lá e que se nomeia como saber"⁹.

Se o importante na rememoração é aquilo que é construído, e se a chave para sua compreensão é o que se pode fazer ou tecer com os pequenos fragmentos do sonho, é importante considerar a existência de um duplo gesto no resgate da memória:

[...] enquanto um dos gestos implica uma retroação, um movimento em direção ao que *já não é*, outro gesto, simultânea e subliminarmente, como um trabalho silencioso e invisível se dá. Este, inevitavelmente, caminha em direção ao que *ainda não é*, a uma instância futura que, no entanto, é presentificada no momento em que se constrói: a representação verbal¹⁰.

Portanto, o resgate da memória é construído por algo que já estava lá, e, com a rememoração, o que é resgatado para o presente transforma-se em algo novo, revisitado, construído. Da mesma forma, podemos dizer que o sonho rememorado, a cada nova rememoração modifica o presente.

¹ FREUD, S. (1987[1900-1901]). "O esquecimento dos sonhos". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol.V. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 482.

² Idem. *Ibid.*, p. 474.

³ Idem. (1987[1914]). "Recordar, repetir e elaborar". In: *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Op. cit., p. 191.

⁴ Idem. *Ibid.*, p. 195.

⁵ Idem. *Ibid.*, p. 196.

⁶ Idem. *Ibid.*, p. 197.

⁷ BENJAMIN, W. (1986). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 36.

⁸ Idem. *Ibid.*, p. 37.

⁹ LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 127.

¹⁰ CASTELLO BRANCO. (1984). *A traição de Penélope*. São Paulo: Annablume, p. 24.